

## CORPOS DESOBEDIENTES: AS VEIAS ABERTAS E AS ENUNCIÇÕES DECOLONIAIS EM BACURAU

Robério Manoel da Silva<sup>1</sup>  
Paulo César Souza García<sup>2</sup>

*Resumo:* A crítica decolonial tem se revelado, nos últimos anos, a *última ratio* no combate às formas de exploração e opressão dos sujeitos subalternos em todo o mundo. Compreendem-se as subjetividades por um perfil crítico e incisivo com a posição local do eixo sul-sul hispânico-americano e luso-brasileiro. Os embates aí empreendidos se dão no campo epistemológico, a exemplo de Adelia Miglievich-Ribeiro (2014), cuja posição sobre a colonialidade faz face à modernidade que, por muito tempo, se manteve oculta. Também, a “opção decolonial” por Walter Mignolo (2008) se projeta como importante arma no combate à perpetuação de saberes e discursos que produzem, disciplinam e inferiorizam sujeitos não aliados e não alinhados com o projeto de modernidade/colonialidade. Seguindo argumentos dos referentes críticos, a pesquisa tem como objetivo analisar a escrita de Eduardo Galeano na obra “As veias abertas da América Latina” (1978), na perspectiva de perceber enquanto uma alternativa epistêmica para a América Latina, ao identificar uma ética, uma política que aflora a diferença e questiona as produções de subjetividades, os saberes desfeitos na era moderna. Pela textualidade poética de Galeano, visaremos apontar um leque de configurações a respeito de como a subalternidade está exposta e, em comunicação com o filme Bacurau (2019),

---

<sup>1</sup> Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Departamento de Linguística, Literatura e Artes, DLLARTES da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), na linha de pesquisa Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. É integrante do Grupo de Pesquisa Língua(gem) e Crítica Cultural (UNEB). Bolsista CAPES. Correio Eletrônico: roberiomanoel22@gmail.com.

<sup>2</sup> Orientador, Doutor em Literatura pela Universidade Federal de Santa Catarina, (UFSC). Professor de Licenciatura em Letras na área de Estudos Literários e do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Departamento de Linguística, Literatura e Artes, DLLARTES da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Correio Eletrônico: pgarcia@uneb.br.

de Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. Trata de traçar reflexões em torno de como as subjetividades não se deixam curvarem e se potencializam em cenas que apresentam o construto de leitura que dissemina a ação de desarmar poderes e saberes colonizados, sujeitos e contextos culturais locais que enunciam a desobediência da logicidade do discurso centralizador.

*Palavras-Chave:* Bacurau. Decolonial. Eduardo Galeano.

## INTRODUÇÃO

O processo de colonização na América Latina desencadeou uma complexa experiência e que se estabeleceria através da dominação e soterramento de saberes. Nesse esteio, a categoria “raça”, algo que surge na modernidade antes não vista, produz identidades sociais, historicamente, novas: índios, negros e mestiços e redefiniu outras. “Espanha e Portugal, em troca, contaram com uma grande abundância de mão de obra servil na América Latina. A escravidão dos indígenas foi sucedida pelo transplante em massa de escravos africanos” (GALEANO, 2019, p. 189). Se no início a denominação da raça foi a primeira forma de outorgar legitimidade, em outro momento as novas identidades surgem como única perspectiva eurocêntrica do conhecimento. Desse modo, a raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial, estabelecendo forte aparato do poder do discurso colonial na divisão dos homens, criando “povos sujeitos”, na desumanização indígena e o condicionamento do negro, como o próprio Quijano (2000) chamará de “cores do colonialismo”<sup>3</sup>. Para ele, as outras tonalidades de pele estabelecem relação de inferioridade natural, alterando profundamente as subjetividades desses sujeitos.

---

<sup>3</sup> Conceito utilizado por Aníbal Quijano para chamar atenção das outras tonalidades das desigualdades raciais, “índios, vermelhos, marrons, brancos, azeitonados, amarelos, mestiços” (QUIJANO, 2000, p. 342).

A nossa história tem formação como periferia e dependência que alimenta o projeto modernidade e pós-modernidade sendo esse uma forma de subalternização. Walsh sinaliza a construção desse lugar subalterno:

El marco central para tal contextualización se encuentra en la trabazón histórica entre la idea de “raza” como instrumento de clasificación y control social, y el desarrollo del capitalismo mundial (moderno, colonial eurocentrado), que se inició como parte constitutiva de la constitución histórica de América (WALSH, 2009, p. 2).

Walsh chama a atenção da complexa conjuntura atual através dos dispositivos de poder que permitem permanecer e fortalecer as estruturas sociais de matriz colonial o que Quijano, chamará de “las nuevas identidades históricas producidas sobre la base de la idea de raza, fueron asociadas a la naturaleza de los roles y lugares en la nueva estructura global de control de trabajo”. Assim, Mignolo enfatiza a importância de que nunca foi tão necessário “aprender a desaprender”. Trata-se de uma “desobediência epistêmica” que não necessariamente se opõe a uma razão moderna hegemônica, uma vez que a América Latina também é parte integrante dessa modernidade como postula Quijano (ou de uma “transmodernidade”,<sup>4</sup> para Dussel), mas de coadunar essa racionalidade hegemônica com uma racionalidade cosmológica, “pluriversal” e “pluritópica” – “pensamento decolonial”. Com efeito, o que esses pensadores latino-americanos propõem é uma ressignificação desses ditames da modernidade, uma vez que a América, diferentemente da Ásia e da África que foram colonizadas no século XIX, também é cofundadora dessa era.

---

<sup>4</sup> Ver DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. *Revista Sociedade e Estado*. v. 31, n. 1, janeiro/ abril de 2016, p. 63.

Nessa arena de discussão, a elaboração de uma crítica à racionalidade eurocêntrica, ocidental e imperialista pautada na teoria/pensamento decolonial<sup>5</sup>, passa pela busca de “enunciações fraturadas” acerca dos conceitos fundadores da modernidade que apontem para uma razão decolonial. Segundo Miglievich-Ribeiro (2014) trata-se de um campo que se estende desde a Teologia e Filosofia da Libertação do argentino Enrique Dussel nas décadas de 1960 e 1970, passando pelos debates sobre pós-modernidade e pós-estruturalismo e estudos culturais na Europa, até os Estudos Pós-coloniais e Subalternos no Sul da Ásia e da África e a Decolonialidade na América Latina.

## AS VEIAS CONDUTORAS

Eduardo Hughes Galeano (1940-2015), escritor e jornalista uruguaio de Montevidéu, família de classe média católica, como qualquer outro menino sul-americano queria ser jogador de futebol, porém, seu desejo se realizaria na escrita quando escreveu o livro “Futebol ao sol e à sombra” mergulhando na história do futebol, além das fronteiras dos estádios. Antes de iniciar no jornalismo na década de 1960, como chefe de redação e diretor dos jornais uruguaios, *Marcha* (1961 a 1964) e *Época* (1964 a 1966) foi caixa de banco e datilógrafo. Escreveu mais de quarenta livros com grandes repercussões, como por exemplo, o *Livro dos abraços* (1989); *Amares* (1993); *As palavras andantes* (1993); *O futebol ao sol e à sombra* (1995); *Mulheres* (1997); *Espelhos* (2008); *Os filhos dos dias* (2012); *Trilogia Memória do fogo: I. Os nascimentos / II. As caras e as máscaras / III. O século do vento* (2013); *O caçador de histórias* (2016), com tradução em

---

<sup>5</sup> Pensamento desenvolvido por um grupo chamado Modernidade/Colonialidade (formado no final dos anos 1990, oriundos de diversas universidades das Américas). Esse coletivo realizou um movimento epistemológico fundamental para a renovação da crítica utópica das ciências sociais na América Latina no século XXI e seu principal expoente é o peruano Aníbal Quijano.

diversos idiomas. Suas obras são marcadas por escritas que tocam nossos corpos inacabados, dentre a vasta bibliografia, sem dúvida nenhuma, *As Veias abertas da América Latina* (1971) é a produção de maior expoente ao longo dos anos, desde sua publicação a obra foi traduzida em mais de vinte idiomas, escrita essa que analisa a história do lamaçal de abusos contra a integridade humana desde o período colonial até a contemporaneidade, exercendo profunda influência no pensamento da esquerda latino-americano. Tornou-se um clássico da rebeldia, com seu lirismo e amargura da miséria dessas terras, desde que ancoraram, aqui, os europeus no final do século XV. Nessa obra, Galeano usa a suavidade dolorosa para transmitir a mensagem de humanidade e solidariedade pelos desvalidos, abordando o início da invasão luso-espanhola, detalhando a forma como a América Latina foi, aos poucos, ocupada pelos estrangeiros.

Através de suas narrativas, Galeano apela por uma escrita mais fluída com um recorte jornalístico trazendo realidades de uma história forjada que não é contada, arrastada por um mar de sangue que não estanca que questionamos: serão essas veias a nunca parar de jorrar? Será o destino dessa ilha latino-americano a nunca prosperar? Questionamentos que trazemos para a arena da pesquisa acadêmica. Para Galeano (2019, p. 245) a exploração econômica é a principal matéria-prima para a construção de identidades latino-americana que se respalda na existência de uma característica bastante peculiar ao processo de formação dessas identidades, por ser latino fala de um ponto decolonial no que tange ao seu lugar de fala, e estabelece ponto crucial no discurso desconstrutivo: “Na América Latina, a independência garantira perpetuidade ao poder dos donos da terra e dos comerciantes enriquecidos nos grandes portos da exportação, à custa da antecipada ruína dos países nascentes” (GALEANO, 2019, p. 245). Escrita como esta, traz uma importante discussão sobre as perpetuações de saberes universais com fundamentação numa

filosofia ocidental, implantados e não argumentados, soterrando saberes e cosmovisões indígenas avançadas de estruturas sociais baseadas no homem como parte da natureza. Prova disto são as civilizações avançadas nas diversas áreas do conhecimento:

Quando os espanhóis chegaram à América estava em seu apogeu o império teocrático dos incas, que estendia seu poder sobre o que hoje chamamos Peru, Bolívia e Equador, abarcava parte da Colômbia e do Chile e alcançava até o norte argentino e a selva brasileira; a confederação dos astecas tinha conquistado um alto nível de eficiência no vale do México, e no Yucantán e na América Central a esplêndida civilização dos maias persistia nos povos herdeiros, organizados para o trabalho e para a guerra (GALEANO, 2019, p. 70).

Neste contexto, este caçador de histórias, reconhece os sujeitos/civilizações, alimenta vozes, através da sua percepção da história Latina, amplia o discurso e torna o local possível de ser universal em sua diversidade. Busca também entender o processo histórico no interior de uma nova geopolítica do conhecimento, que se preocupa em levantar “saberes dominados”<sup>6</sup>, no enfrentamento de uma razão norte global e suas operações de categorização, disciplinarização e produção de saberes, como também, de invisibilização de uma episteme que não encontra correspondência neste encadeamento lógico-racional<sup>7</sup>, sendo essa dominação colonial produtora de descartes de saberes locais promovendo em seu lugar uma implementação subjetiva de saberes dominantes que historicamente vem sendo reconstruída por intelectuais que tentam traçar um caminho por corpos rasurados mas que pode encontrar um sul como norte. Uma

---

<sup>6</sup> Termo utilizado por Foucault “para designar uma série de saberes que tinham sido desqualificados como não competentes ou insuficientemente elaborados: saberes ingênuos, hierarquicamente inferiores, saberes abaixo do nível requerido de conhecimento ou de cientificidade.” (1979, p. 170 e 171).

<sup>7</sup> Ver MIGNOLO, Walter D., *Desobediência Epistêmica: A Opção descolonial e o significado de identidade em política. Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, 2008.

epistemologia decolonial assim objetivada, se levanta como verdadeiro dispositivo de catalisação de outras “verdades” e novas relações de poder que podem se deslocar nas direções sul-sul e sul-norte, gerando novos processos de subjetivação responsáveis pela emergência de grupos singulares e sujeitos subalternos até então abafados pela racionalidade do renascimento.

Ao longo de sua obra *“As veias abertas da América Latina”*, Galeano comete sem remorso à violação de fronteiras que separam os gêneros literários confluindo narração e ensaio, poesia e crônica, recolhendo as vozes da alma oferecendo uma síntese da realidade e sua memória, nesse sentido a sociopoética se aproxima do jornalismo literário que é um estilo que faz a junção entre o texto jornalístico e a literatura, produzindo reportagens mais amplas e detalhadas com uma postura humanizada unindo jornalismo, literatura e história.

## **QUEM NASCE EM BACURAU É O QUÊ?**

As manifestações culturais são características inerentes aos diversos grupos sociais, sendo as produções cinematográficas de extrema importância para criarmos pontes que ligam as identidades criadas com o pensamento crítico através da realidade no processo de identificação e difusão de certos conhecimentos. Essas manifestações projetadas nos conflitos sociais são de extrema importância para que possamos refletir sobre cultura atrelada a globalização/homogeneização. Nesse sentido, o cinema é um grande aliado para escancarar essas vozes silenciadas desses sujeitos/povos com amnésia identitária. Pensar e explicar nossa existência a partir da experiência da colonização latino-americana do ponto de vista do colonizado com a própria construção de identidades da diferença, contribui para novos olhares e interpretações outras das relações humanas exercitadas nas regiões periféricas do complexo espacial do mundo,

principalmente quanto ao sentido de pertencimento dos sujeitos em relação a esses locais e territórios onde o sujeito e poder são remetidos e, potencializados a ocupação de espaços sem ser/ter visão de dependência cultural cujo pensamento opera em outras margens, fora de contextos de diálogos comuns, força bruta, relação de comuns.

Sob a ótica do cinema que projeta em sua fotografia a persistência, a luta de um povo que resiste aos abandonos, aos descasos e sepultamentos, herança da maquinaria moderno/colonial. Há uma rotina para burlar os problemas estruturais corriqueiros dessa gente, adversidades como educação, saúde e segurança pública, verdadeiro tripé de uma sociedade, extremamente importante para a garantia da dignidade humana. A construção do não humano é relatada por Galeano (2019), enfatizando:

Os indígenas tinham sido bestas de carga para levar nos ombros a bagagem dos conquistadores: as cavalgadas eram escassas. Em nossos dias, contudo, ainda podem ser vistos, em todo o altiplano andino, carregadores aimarás e quíchuas a carregar fardos até com os dentes, em troca de um pão seco (GALEANO, 2019, p. 75).

Nessa mesma perspectiva Ailton Krenak, em seu livro em *“Ideias para adiar o fim do mundo”*, relata o problema da escravização indígena e que até hoje é perceptível:

“A modernização jogou essa gente do campo e da floresta para viver em favelas e em periferias, para virar mão de obra em centros urbanos. Essas pessoas foram arrancadas de seus coletivos, de seus lugares de origem, e jogadas nesse liquidificador chamado humanidade” (KRENAK, 2020, p. 14).

Nestes trechos os autores narram o passado e o presente conectados, quando elucida o caminho da saga dos povos latinos, em sua perpetuação da desgraça, sujeitos que têm em seus corpos as marcas da opressão epistêmica que não encontra alternativas para driblar situações do descaso, diferentemente da cenografia de Bacurau, os personagens invocam suas forças



historicamente invisibilizadas: “Não surpreende a variedade de armações de cenas de efeito na resistência do povo de Bacurau [...]” (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 37). Perceba que figuras da resistência, são frutos inevitáveis e indissociáveis da América Latina, região castigada pela exploração econômica que gerou subjetividades percebidas na contemporaneidade.

A escrita de Bacurau, não se apresenta como uma obra fílmica que reproduz a negação diária do Brasil fronteiriço com outros países latinos, não é apenas uma produção em movimento que é aplaudido com a obtenção do Prêmio do Júri no Festival de Cannes. Representam muito mais, tornando-se um bem imaterial para a sociedade, reflexões através do cinema para observar gente e mundo trazendo para a arena do debate acadêmico, uma ideia de Brasil comum a todos os nossos hermanos. O longa-metragem escrito e dirigido pelos cineastas pernambucanos Juliano Dornelles e Kleber Mendonça Filho, “Bacurau”<sup>8</sup>, fazem questão de trazer “[...] tonalidade e a textura vocabular da fala da região sem os toques de regionalismo folclorizante que marcam obras naturalistas” (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 31), permite conexões com a realidade social em que foi produzida, assim como estabelece relações com outras questões importantes da história e da contemporaneidade. “O momento político da diferença cultural emerge dentro da problemática da governamentalidade colonial e eclipsa a transparência entre legibilidade e a regra legítima” (BHABHA, 2019, p. 159). Essa regra legítima de governar é uma tecnologia política que surgiu na Europa, no início do século XVII, segundo o filósofo Michel

---

<sup>8</sup> “Bacurau” é uma produção fílmica franco-brasileira de 2019, dos gêneros drama, fantasia e ficção, escrito e dirigido por Kleber Mendonça Filho e Juliano Dornelles. O título do filme faz referência ao último ônibus da madrugada da cidade do Recife (Brasil) e a origem do nome vem de uma ave de hábitos noturnos comum nos sertões brasileiros, que era chamada pelos povos Tupis de Wakura’wa. Premiada em diversos festivais, a produção conquistou o Prêmio do Juri no Festival de Cannes no ano de 2019.

Foucault (1979) essa técnica tem como propósito controlar a vida humana.

O choque do povo de Bacurau com as normas da governamentalidade, entre a “legibilidade e a regra legítima”, segundo Bhabha (2019) são apresentadas em cenas no filme, que nos convidam a entender como essas regras políticas estão atreladas ao desenvolvimento do capitalismo, para isso, a diferença está no esquecimento da memória de Bacurau, mas fortalecidos dentro de sua própria lógica de resistência dos movimentos sociais políticos, que estabelecem suas próprias regras, criam políticas próprias de acolhimento dos sujeitos, governam de forma participativa condizente com realidades muito conhecida na América Latina. A construção da ideia de povos subalternos se deu através da relativização do conhecimento local e a evolução do ocidente, se estabeleceu a partir da exploração do outro. A formação das identidades latinas é constituída a partir dos implantes epistêmicos, essas identidades questionadas em Bacurau, provocam uma revolta diante dos acontecimentos que são apresentados em cenas.

A comunidade de Bacurau sofre com boicotes de água, historicamente a seca e a falta de água no Brasil está associada ao Sertão Nordestino. “Crianças aproveitam os últimos momentos antes de a sangria estancar” (MENDONÇA FILHO, 2020, p. 31), percebiam esse jogo, de um lado a brincadeira inocente das crianças para uma cena extremamente violenta, do outro lado o personagem Erivaldo (Rubens Santos), tenta estancar com flanelas velhas, os buracos do carro pipa que levava água para a cidade que foi cravejado de balas. O ato de estancar os buracos é algo simbólico para os povos latinos, representa nossas veias abertas, tratada por Galeano (2019), mas esse exercício também nos conduz a pensar que ao deparar com situações como estas, driblamos de forma exitosa, produzindo e ocupando outros lugares, assim, Hall (2013, p. 274) expõe que “a tradição popular

constituía um dos principais locais de resistência, as maneiras pelas quais a “reforma” do povo era buscado”, então de forma ingênua e resistente as brincadeiras inocente das crianças torna-se algo muito mais relevante para esta reforma do povo, sendo automaticamente estabelecido um ato de reagir, resistir para existir.

O roteiro do filme traz um recorte comum do Brasil Sertão, lugar e cultura, a evidência culturalmente da água como primeiro ponto importante a ser discutido, relata velhos problemas no nosso país desde a era colonial, faz uma analogia a indústria da seca<sup>9</sup> e como o próprio Darcy Ribeiro (2015):

Assim, a ordem oligárquica, que monopoliza a terra pela outorga oficial das sesmarias durante a época colonial, continua conduzindo, segundo seus interesses, as relações com o poder público, conseguindo, por fim, colocar até mesmo as secas a serviço e fazer delas um negócio. Cada seca, e por vezes a simples ameaça de uma estiagem, transforma-se numa operação política que, em nome do socorro dos flagelados, carrega vultosas verbas para a abertura de estradas e, sobretudo, a construção de açudes nos criatórios (RIBEIRO, 2015, p. 256-257).

Os questionamentos apresentados através de Bacurau, juntamente com Darcy Ribeiro, funcionam como um texto de sociologia que ilumina as distinções visíveis e invisíveis, conceituando a operação da modernidade através das sujeições e produção de selvagens, estabelecidas por linhas radicais que fragmenta a realidade social em dois universos diferentes, invisibilizando o lado subalterno.

## CONCLUSÃO

O longa metragem projeta-se na visão de Galeano, reproduzindo-se assim uma sociedade que desobedece e rompe

---

<sup>9</sup> Termo utilizado para designar a estratégia de alguns políticos que aproveitam a tragédia da seca na região nordeste do Brasil para ganho próprio.

com a cronologia do atraso, tornando uma comunidade possível de existir a partir das próprias narrativas dos protagonistas. Algumas transformações que incorporam construtos decoloniais já podem ser percebidas nos campos da política, da economia e da cultura, como a alternância intercalada de guinadas à esquerda e retorno à direita nos governos dos principais países latino-americanos, revelando os descontentamentos com ideologias políticas macroestruturais e disputas locais, a ocorrência de manifestações e revoltas internas que invocam bandeiras de povos originários e tantas outras bandeiras. Os acordos de cooperação econômica entre estes países do sul do capitalismo e uma maior difusão na cultura de massa de produções televisivas, filmes e músicas oriundas da América Latina, vem a fortalecer sinergicamente os sujeitos locais.

Eduardo Galeano em sua vida e obra esteve todo tempo preocupado em canalizar suas veias literárias produzindo escritas de cunho social e política que pudesse ajudar ao povo Latino a entender o lamaçal que foi o processo de exploração do “novo mundo”, não apenas denunciou, ele nos proporcionou o entendimento de nossas identidades, mesmo que fragilizadas, danificadas ou invisibilizadas, seu olhar socio poético nos dar conteúdo para entendimentos de nossas identidades posteriores aos nossos primeiros nascimentos. Há uma conexão entre a sociopoética e Bacurau, no intento de estreitar e até romper as barreiras criadas pela colonialidade que separa o Brasil dos demais países latino-americanos e, conseqüentemente, outros países do sul do globo.

Enquanto Galeano denuncia nosso processo de esvaziamento das veias latinas: “Nem sequer os efeitos da conquista dos tesouros persas que Alexandre Magno derramou sobre o mundo helênico poderiam ser comparados com a magnitude dessa formidável contribuição da América para o progresso alheio” (GALEANO, 2019, p. 18). Bacurau recria uma

cidade fora do mapa, em que se torna a máxima da realidade social e cultural brasileira distribuindo os papéis centrais para os desvalidos, desestabilizando as fronteiras (geográficas e culturais), além de romper com o pensamento da filosofia ocidental. Não se trata aqui de um “panamericanismo”, mas de uma percepção de que as diferenças culturais, por mais que existam, foram fabricadas no bojo do mesmo processo de modernidade/colonialidade.

## REFERÊNCIAS

- BACURAU. Direção: Kleber Mendonça Filho, Juliano Dornelles. Pernambuco: *Vitrine Filmes*, 2019.
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. *Revista Sociedade e Estado*. v. 31, n. 1, janeiro/ abril de 2016.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Trad. e Organização de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- GALEANO, Eduardo H. *As veias abertas da América Latina*. Trad. Sérgio Franco. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2019.
- HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. Trad. Tomaz Tadeu Silva & Guacira Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2015.
- LANDER, Edgardo. *A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. Clección Sur Sur, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, Setembro 2005.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Cia das Letras, 2019.
- MENDONÇA FILHO, Kleber. *Três roteiros: O som ao redor – Aquarius – Bacurau*. São Paulo: Cia das Letras, 2020.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. Por uma Razão Decolonial: desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. *Civitas*. Porto Alegre. V. 14, n. 1, jan-abr de 2014.
- MIGNOLO, Walter D. Desobediência Epistêmica: A Opção descolonial e o significado de identidade em política. *Caderno de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder y clasificación social. *Journal of Worldsystems Research*. Special Issue: Festschrift for Immanuel Wallerstein. vi /2, p. 342- 386. 2000.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Global, 2015.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica y pedagogía de-colonial: apuestas (des) de el in-surgir, re-existir y re-vivir. *Revista (entre palabras)*, 3, 1-29. 2009.